

UM

*Dados geográficos de algum interesse
e apresentação de Sara Allen*

A cidade de Nova Iorque parece sempre muito confusa nos mapas e quando uma pessoa chega fica um pouco atarantada. É formada por diversos distritos, assinalados nos mapas das ruas com cores diferentes, mas o mais conhecido é Manhattan, que impõe a sua lei aos restantes e os torna mais pequenos e os deslumbra. Normalmente corresponde-lhe a cor amarela. Vem nos guias turísticos e aparece nos filmes e nos romances. Muita gente julga que Manhattan é Nova Iorque, mas de facto é simplesmente uma parte de Nova Iorque. Uma parte especial, isso sim.

Trata-se de uma ilha em forma de presunto, com um empadão de espinafres ao centro que se chama Central Park. É um parque grande por ser comprido, por onde é excitante andar de noite, escondendo-nos de vez em quando atrás das árvores com medo dos ladrões e assassinos que andam por toda a parte e espreitando um pouco para ver brilhar as luzes dos anúncios e dos arranha-céus, erguidos ao redor do empadão de espinafres, como um

exército de velas acesas para celebrar o aniversário de um rei milenário.

Mas não se vê alegria no rosto dos adultos quando cruzam o parque, velozmente, em táxis amarelos ou em enormes carros brilhantes, a pensar nos seus negócios e a olhar nervosamente para o relógio de pulso com receio de chegarem atrasados a algum sítio. E as crianças, que são quem melhor podia desfrutar correndo essa aventura nocturna, estão sempre metidas em casa a ver televisão, na qual aparecem muitas histórias que as alertam para o perigo de sair à noite. Mudam de canal através do comando à distância e só vêem gente a correr fugindo de alguma coisa. Dá-lhes o sono e bocejam.

Manhattan é uma ilha entre rios. As ruas que ficam à direita do Central Park e correm no sentido horizontal terminam num rio que se chama East River, por ficar a este, e as da esquerda num outro: o rio Hudson. Os dois acabam por abraçar-se em cima e em baixo. O East River tem várias pontes, qual delas a mais complicada e misteriosa, que unem a ilha a outros bairros da cidade, um dos quais se chama Brooklyn, como acontece também com a famosa ponte que a ele vai dar. A ponte de Brooklyn é a última, a que fica mais a sul, tem muito trânsito e está enfeitada com grinaldas de luzes que à distância parecem um arraial. Acendem-se quando o céu começa a ficar cor de malva e os meninos já voltaram do colégio em autocarros para se fecharem em casa.

Vigiando Manhattan pela parte de baixo do presunto, no ponto em que os rios se misturam, existe uma pequena ilha com uma estátua enorme de metal esverdeado que segura uma grande tocha no braço erguido e que é visitada por todos os turistas do mundo. É a estátua da Liberdade, vive ali como uma santa no seu santuário, e de noite,

O Capuchinho Vermelho em Manhattan

15

aborrecida por ter sido fotografada tantas vezes durante o dia, dorme sem que ninguém dê por isso. E é então que as coisas mais estranhas acontecem.

Nem todos os meninos que vivem em Brooklyn passam a noite a dormir. Alguns pensam em Manhattan como o lugar mais próximo e ao mesmo tempo mais exótico do mundo e o seu bairro parece-lhes uma povoação perdida onde nunca acontece nada. Sentem-se como que esmagados por uma nuvem densa de cimento e banalidades. Sonham em andar nos bicos dos pés sobre a ponte que une Brooklyn à ilha que brilha do outro lado, na qual imaginam que toda a gente está acordada a dançar nos bares forrados de espelhos, dando tiros, fugindo em carros de ouro e vivendo aventuras misteriosas. É nessa altura que a estátua da Liberdade fecha os olhos e entrega aos meninos sem sono de Brooklyn o facho da sua vigília. Mas isto ninguém sabe, é um segredo.

E Sara Allen também não sabia; Sara, uma menina sar-denta, de dez anos, que vivia com os pais no 14.º andar dum bloco de vivendas bastante feio, bem dentro de Brooklyn.

A única coisa que sabia é que enquanto os pais pegavam no saco negro do lixo, lavavam os dentes e apagavam a luz, todas as luzes do mundo começavam a correr dentro da sua cabeça como uma roda de fogo-de-artifício. Às vezes sentia medo, porque lhe parecia que uma tal força a suspendia acima da cama e que ia sair, voando pela janela, sem que pudesse evitá-lo.

O pai de Sara, o senhor Samuel Allen, era canalizador, e a mãe, a senhora Vivian Allen, dedicava as manhãs a cuidar de velinhos num hospital de tijolo vermelho rodeado

por um gradeamento de ferro. Quando voltava a casa, lavava cuidadosamente as mãos, porque lhe cheiravam sempre um pouco a remédios e metia-se na cozinha a fazer tartes, que eram a grande paixão da sua vida.

A que lhe saía sempre melhor era a de morango, uma verdadeira especialidade. Costumava dizer que a reservava para os dias solenes, mas não era verdade, porque o prazer que sentia ao vê-la acabada era tão grande que se tinha tornado um vício rotineiro, e encontrava sempre no calendário ou nas suas próprias recordações alguma data que justificasse uma comemoração.

Tão orgulhosa estava a senhora Allen da sua tarte de morango que nunca quis dar a receita a nenhuma vizinha. Quando não tinha outro remédio e depois de muito insistirem com ela, mudava as quantidades de farinha ou de açúcar para que às vizinhas a tarte saísse seca e requeimada.

— Quando eu morrer — dizia ela para Sara com um piscar de olhos malicioso —, hei-de deixar escrito no testamento o lugar onde guardo a verdadeira receita, para que tu possas fazer a tarte de morango aos teus filhos.

«Não tenciono fazer nenhuma tarte de morango aos meus filhos», pensava Sara para si própria. Tinha ficado farta daquele sabor de morango todos os domingos, aniversários e festas obrigatórias.

Mas não se atrevia a dizê-lo à mãe, como também não se atrevia a confessar-lhe que não tinha a mínima intenção de ter filhos para os enfeitar com guizos, chupetas, bibeiros e laçarotes, porque o que ela mais desejava era ser atriz e passar os dias a comer ostras com champanhe e comprar casacos com gola de arminho, como um que a avó vestia, quando era nova, que figurava numa fotografia logo no princípio do álbum de família e que para Sara era a única fascinante. Em quase todas as outras fotografias

O Capuchinho Vermelho em Manhattan

17

apareciam pessoas difíceis de distinguir umas das outras, sentadas no campo à volta de grandes toalhas aos quadradinhos ou à mesa de algum restaurante, a celebrar uma festa qualquer já esquecida, e cuja marca comum era a tarte de morango. Em tudo o que era manjar lá estavam os restos da tarte de morango ou a tarte inteira; e Sara aborrecia-se só de ver aqueles comensais sorridentes porque também eles tinham cara de tarte.

Rebeca Little, a mãe da senhora Allen, tinha-se casado várias vezes e tinha sido cantora de *music-ball*. O seu nome artístico era Glória Star. Sara tinha-o visto escrito em alguns programas velhos que ela lhe mostrara. Guardava-os à chave dentro dum móvel pequeno de tampa ondulada. Mas agora a avó já não usava golas de arminho. Agora vivia sozinha em Manhattan, na parte de cima do presunto, num bairro bastante mais pobre chamado Morningside. A avó era grande apreciadora de licor de pêra, fumava tabaco picado e perdera um pouco a memória. Não porque fosse demasiado velha, mas porque como já não contava a sua vida a ninguém, a memória tinha-se oxidado. Glória Star, tão faladora em tempos idos, não tinha já ninguém a quem seduzir com as suas histórias, que eram muitas, e algumas inventadas.

A filha, a senhora Allen, e a neta, Sara, iam todos os sábados visitá-la e arranjar-lhe a casa, porque ela não gostava nada de actividades domésticas. Passava o dia a ler romances e a tocar *foxes* e *blues* num piano preto e muito desafinado; por toda a parte havia jornais empilhados, roupa por pendurar, garrafas vazias, pratos sujos e cinzeiros cheios de beatas da semana inteira. Tinha um gato branco, pachorrento e preguiçoso que se chamava Cloud e se limitava a abrir os olhos quando a dona se punha a tocar piano; o resto do tempo passava-o a dormir em cima